

# **Iniquidades na saúde: uma análise da literatura acerca do acesso e acessibilidade de mulheres quilombolas a serviços de saúde no Brasil.**

Karoline Beatriz Oliveira Barroso.

## **INTRODUÇÃO**

A Organização Mundial da Saúde compreende a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença. Sob este prisma, a partir da articulação desta categoria com marcadores sociais da diferença como racismo, gênero e campo/rural mostra-se pertinente um estudo acerca da saúde da mulher quilombola que, além de contar com a segregação espacial e estigmatização territorial presentes no espaço rural, somam-se o racismo no acesso ao tratamento de saúde e opressão de gênero como mecanismos de exclusão social. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar criticamente a produção científica sobre o acesso à saúde por mulheres em comunidades quilombolas em literatura indexada.

## **RESULTADOS**

A partir dos critérios de exclusão e inclusão, identificaram-se 31 artigos, todos publicados em periódicos nacionais, sendo a maioria publicado na área de saúde (80%), especialmente por enfermeiros; os artigos apresentam dados acerca da atenção à saúde materna, acesso a exames preventivos- em especial de contracepção e prevenção ao câncer de colo uterino.

Foram identificados quatro estudos com enfoque na saúde reprodutiva, cuja temática principal se concentra na frequência de câncer de colo de útero por mulheres quilombolas e um acerca dos índices de hipertensão em comunidades quilombolas, entretanto, percebe-se que majoritariamente estes estudos negligenciam em parte o papel de determinantes sociais da saúde e estressores crônicos no quadro de saúde, dado que o cenário em que estas mulheres vivem relaciona-se ao acúmulo de estresse ao longo da vida o que está intrinsecamente ligado a piores resultados de saúde, sendo a discriminação racial um destes estressores crônicos (FARO, 2011).

Além disso, há uma deficiência na literatura ao abarcar os determinantes sociais da saúde e compreender o racismo enquanto categoria analítica para quadros de saúde (WERNECK, 2016).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa tem caráter pesquisa qualitativa, com revisão integrativa da literatura. Buscou-se nos artigos publicados nos últimos 10 anos em português, as bases utilizadas foram SciELO, LILACS e portal da Biblioteca Virtual em Saúde Brasil com auxílio de operadores booleanos, palavras-chave e termos livres: Grupos com ancestrais Afrodescendentes, saúde, mulher e seus sinônimos. A seleção foi realizada a partir de título, resumo e leitura completa de artigos que abordassem a temática e estejam disponíveis integralmente nas plataformas online quilombolas.

## **CONCLUSÃO**

Dessa forma, constatou-se a predominância de pesquisas voltadas para o processo de doença e não de promoção à saúde integral, bem como a escassez de propostas de análise intercultural, limitando-se a estudos de cunho clínico e biológico. À vista disso, observa-se uma insuficiência de medidas voltadas para a promoção da saúde deste grupo, possuindo o racismo na saúde como mecanismo de exclusão e a opressão de gênero como elementos que invisibilizam e inviabilizam o acesso à saúde, mostrando-se urgente a elaboração de políticas públicas efetivas embasadas na interseccionalidade presente nas iniquidades na saúde e a partir de sua base multidimensional com racismo, sexismo e estigmatização territorial como categorias de opressão interagindo de forma múltipla e simultaneamente.

## **REFERÊNCIAS**

WERNECK J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Soc.* 2016; 25(3):535-549.

FARO, A.; PEREIRA, M. E. Raça, racismo e saúde: a desigualdade social da distribuição do estresse. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 16, n. 3, p. 271–278, dez. 2011.